

EDITORIAL

Homofobia dissimulada

A Bagoas publica sua 18ª edição e, com ela, a novidade de uma seção de entrevistas. Nesta edição, publicamos a nossa primeira entrevista e pretendemos, com a colaboração de leitores, membros dos conselhos editorial e consultivo, pareceristas e demais interessados, receber propostas de entrevistas que sejam de interesse e que estejam no escopo editorial da revista. Entrevistas são sempre possibilidades de resgatar memórias, narrar a história, reviver trajetórias e, igualmente, tornar possível o registro de informações guardadas com aqueles/as que diretamente tomaram parte nos fatos, colhendo suas impressões, visões, testemunhos. Para especialmente os assuntos da causa LGBT, como de outros grupos politicamente minoritários, torna-se muito importante que sejam documentados testemunhos, falas, dados, análises. Em sociedades nas quais ainda impera fortemente a homofobia, é mais que forçoso guardar o olhar e os testemunhos daqueles/as que tomam parte nas iniciativas e lutas de resistência e enfrentamento ao preconceito e à discriminação. Que essas resistências e lutas sejam no plano diretamente político, nos movimentos sociais, ou por meio da atividade intelectual, como são os muitos exemplos no mundo acadêmico e universitário no Brasil e em muitos outros países.

O próprio fato de existir uma homofobia dissimulada, atuante em nossas sociedades, exige que, cada vez mais, sejamos capazes de enxergar suas astúcias e denunciá-la por todos os meios. Gays, lésbicas e trans têm muito o que contar quando se trata da prática homofóbica dissimulada, mas profundamente cruel como forma de negação de reconhecimento social, pois forma encobridora de perseguições, intrigas, mentiras, injúrias, difamações, poucas vezes ao alcance de ser percebida por aqueles que, não sendo gays, lésbicas ou trans, enxergam o mundo e as

relações sociais a partir do lugar das legitimações nas quais se encontram nas distribuições de status e reconhecimento desigualmente instituídos nas nossas sociedades.

Hoje, muito provavelmente, cresceu o número de pessoas que, em uma ou outra ocasião, depara-se com o termo homofobia em leituras, programas de TV, conversações etc. Mas, muito certamente, poucas sabem o que a homofobia resulta ser no cotidiano de gays, lésbicas e trans. Em geral, o entendimento que se tem do assunto é que a homofobia é alguma atitude de hostilidade contra indivíduos LGBT em formas quase sempre agressivas. De fato, as formas escancaradas e violentas da homofobia existem e fazem muitas vítimas, chegando até mesmo ao assassinato, como demonstram dados de diversas partes. Mas outras formas da homofobia existem que, aparentemente não violentas, igualmente buscam arruinar gays, lésbicas e trans.

Uma homofobia dissimulada, insidiosa, que é praticada cotidianamente nas instituições sociais, tem também seu potencial de produzir danos psíquicos, morais e sociais e, por isso, deve ser denunciada como sendo o funcionamento de um sórdido teatro de tentativas veladas de assassinatos emocionais, psicológicos e simbólicos de gays, lésbicas e trans. Escondendo-se no anonimato torpe dos ardis, intrigas, ultrajes, injúrias, difamações, psiquiatrizações das condutas, produção de representações estigmatizantes e mentirosas, a homofobia dissimulada é acionada nas ações que, da família aos lugares de trabalho, passando pelas escolas, igrejas, partidos políticos, universidades, ocorrem diariamente pelas atitudes de indivíduos diversos. Alguns que até se passam por não homofóbicos.

Não há dúvida, a homofobia está instalada nas nossas sociedades como resultado do fato mesmo da institucionalização da heterossexualidade como sendo a “forma normal” da sexualidade humana, por presumida como sua “forma natural”. Uma percepção da sexualidade ela

própria construída socialmente e historicamente imposta, e ideologicamente legitimada pela permanente heterossexualização da vida social, pela heterossexualização à outrance da esfera pública. E o que fez que a heterossexualidade fosse consagrada como normalidade e, simultaneamente, a homossexualidade e a transexualidade fossem estigmatizadas como “anormalidades”. Nisso, não há qualquer privilégio dado pela natureza, mas pela história. Nesse assunto, como em outros, estamos diante de fatos da história, das construções sociais e convenções institucionalizadas nas nossas sociedades, não sendo a heterossexualidade, a homossexualidade ou a transexualidade realidades biológicas ou psíquicas inatas, mas construções e percepções dos corpos e seus prazeres, em cada cultura, sociedade e épocas históricas representados deste ou daquele modo, negativamente ou positivamente, com mais ou menos aceitação. Sem a história de sua institucionalização vitoriosa, a heterossexualidade não gozaria da legitimidade que conhecemos hoje. Aqui, vale lembrar as lições de Nietzsche, em Genealogia da moral: “o início de tudo grande na terra foi largamente banhado em sangue [...] sangue e tortura”. Ou, como diz também: “Quanta realidade teve de ser denegrida e negada, quanta mentira teve de ser santificada, quanto consciência transtornada, quanto “deus” sacrificado? Para se erigir um santuário, é preciso antes destruir um santuário”. A homofobia é filha direta da ideologia da heterossexualidade como a forma natural e única da sexualidade humana, o que se transformou na heterossexualidade como norma. E o que se converteu na ideologia da “heterossexualidade compulsória” ou “obrigatória” – tal como denunciaram Adrienne Rich e Judith Butler.

Os termos mudam, as “teorias” variam, “especialistas” apresentam suas teses, alguns até bem-intencionados, mas a exclusividade das explicações sobre aquilo que não é a heterossexualidade termina em falas que não servem senão para enquadrar a homossexualidade a transexualidade como “realidades a esclarecer” (ideologia da psicogênese ou da causa biológica), que, de outro modo entendidas,

nada mais seriam que escolhas subjetivas, singularidades, desejos, os corpos e seus prazeres, o erótico em suas modalidades e desempenhos. Mas o que tem permanecido, no próprio âmbito das boas intenções científicas ou políticas, são “explicações” que vão dos conceitos ideologicamente capturados (entre os quais, como já pude em outras ocasiões argumentar, os de “orientação sexual”, “homoafetividade” etc.) a diagnósticos patologizantes.

Algo corriqueiro, na homofobia dissimulada, homofóbicos inventam contra gays, lésbicas e trans todo tipo de “fatos”, “casos”, “episódios”, construindo narrativas de depreciação moral e invalidação de modo a fazer das homossexualidades ou das transexualidades fatores de “desestabilidade emocional” ou “incapacitação” para atividades diversas, o que mais não é que a manutenção da homossexualidade e da transexualidade no diagnóstico de “transtornos de personalidade” que, indo do sexual ao psíquico, tornariam os indivíduos homossexuais e trans os sempiternos “inadaptados sociais”, incapazes de relações sociais adequadas, inapropriados para assumir funções públicas, de direção, orientação, governo. Não é por outra razão que, em diversos países, utiliza-se de “denunciar” a homossexualidade de políticos como forma de rebaixá-los em seus propósitos eleitorais ou de representação ou gestão político-pública; o que mais não é que apresentar a homossexualidade como um atributo negativo, visto como algo que se deve recusar em personalidades públicas.

A homofobia dissimulada, pretendendo-se invisível, ainda que reconhecível por um olhar mais atento às suas investidas insidiosas, busca arrastar gays, lésbicas e trans para a *ideologia do armário* ou para a *ideologia da subordinação*: isto é, ou o esconderijo, o silêncio, a invisibilização, a máscara, ou gays, lésbicas e trans nunca altivos, empoderados, destemidos, autônomos, mas sempre a pedirem permissão para existir, desculpas pelo seu saber e poder, de quem se exige sempre “simpatia”, “cordialidade”, “amizade”, “graça”, “diversão”.

Não raramente, nas instituições, os LGBT cogitados como “amigos/as”, “maravilhosos/as”, “queridos/as” são aqueles/as que se deixam dominar pelos próprios estigmas de sua sujeição. Numa espécie de “servidão voluntária” (denunciada, desde o século XIV, por Étienne de laBoétie como a cumplicidade do dominado com sua própria dominação), muitos gays, lésbicas e trans, ao que parece, buscando algum tipo de amparo, aceitam a condição de sua subordinação, mesmo ao preço de sua subjugação a estereótipos, estigmas, por não vislumbrarem suas próprias potências, e, com ou sem a consciência de fazê-lo, “aliando-se” a seus próprios algozes. Suprema alienação! Trágica escolha!

Que a Bagoas, seus autores, seus artigos, entrevistas, sirvam de inspiração a gays, lésbicas e trans do Brasil e de outras partes a não se submeterem à ideologia do armário e nem à ideologia da subordinação!

Alipio De Sousa Filho,
Editor